

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



## PEREGRINAÇÃO DE MARÇO, 13

Os actos oficiais do culto, realizados no dia 13 de Março último, em honra de Nossa Senhora da Fátima, no Santuário da Cova da Iria, foram favorecidos por um verdadeiro dia de primavera.

A tarde da véspera teve a caracterizá-la uma chuva contínua, miúda e impertinente, que parecia afastar todas as probabilidades de que o sol brilhasse nesse dia, como na verdade brilhou, embora num firmamento por vezes em grande parte toldado de nuvens.

Tudo se fez na forma do costume.

A concorrência de fiéis não excedeu a de qualquer mês ordinário do ciclo das pequenas peregrinações mensais correspondente à quadra hibernal.

Edificavam sobremaneira a piedade e o recolhimento dos peregrinos.

Estavam presentes mais sacerdotes que nos meses anteriores e por isso tornou-se possível, o que raras vezes sucede, atender todas as pessoas que desejavam confessar-se e que eram em grande número.

Próximo do meio-dia solar, sob a direcção do rev. dr. Manuel Marques dos Santos, rezou-se o terço do Rosário, junto da capelinha das aparições. Em seguida, efectuou-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima para o altar do pavilhão dos doentes. Celebrou o santo sacrificio da Missa o rev.º P.º António dos Reis, que no fim deu a bênção com o Santissimo Sacramento aos poucos enfermos inscritos e depois a todo o povo. Ao Evangelho proferiu a homilia o rev. dr. Marques dos Santos.

Dada a última bênção eucarística, organizou-se nova procissão, que reconduziu a Imagem de Nossa Senhora à sua capela.

Rezada em voz alta a fórmula da consagração à Santíssima Virgem e cantado um cântico piedoso, começou a debandada dos peregrinos, que regressaram às suas terras deixando o Santuário imerso no seu ambiente habitual de silêncio e solidão.

Visconde de Montelo

## «VAI FAZER UM ANO...» ACCÇÃO CATÓLICA

por BERTA LEITE

Foi nos primeiros dias de Abril que Lisboa se alvorçou o ano passado para receber a imagem de Nossa Senhora da Fátima.

E nunca mais se esquece.

As almas vibravam na mesma e indizível alegria em que acordaram todas. E renovou-se a face desta terra. A cidade entoava cânticos novos com ressonâncias universais.

O céu reflectia-se nas almas humildes, em reflexos de graça pelas lágrimas choradas à passagem da Senhora, branca como a pureza luminosa da sua ternura por nós, e da nossa ternura por Ela.

Vai fazer um ano...

E nunca mais deixámos de A ver. Dias amargos ou de bonança. Momentos de ansiedade ou de tragédia, Lisboa ficou desde então voltada para Fátima, como se quisesse assim ver convergir todos os destinos da Pátria para o doce Coração de Maria...

Antes de um ano passado registam-se graças e milagres enternecedores.

Não apenas casos isolados e especiais, mas em primeiro lugar, a continuação da Paz em Portugal, a consagração do mundo pelo Santo Padre ao Coração Imaculado de Maria, e, a Voz do Santo Padre dirigindo-se a Portugal e aos portugueses. Toda a vida nacional gira hoje à roda dos milagres do Fátima, Porque lhe não seguem o exemplo todas as outras nações flageladas pela guerra?

Nossa Senhora da Fátima, é de todos e para todos. Vai onde A chamam e fica para sempre com aqueles que ternamente A amarem.

## Falta de Tempo

As almas chamam por nós. Deus, pela voz da Igreja, chama-nos ao apostolado.

Como correspondemos a estes apelos persuasivos e veementes? Talvez não tenhamos coragem para uma recusa formal, que seja crua manifestação de egoísmo: Que importa o que os outros fazem ou deixam de fazer?

Mas o nosso comodismo encontra maneira de acalmar as nossas preocupações e de procurar dar satisfação aos outros, recorrendo a vãos pretextos.

Um deles, é a falta de tempo. A minha vida é tão cheia... Não chega já para as minhas obrigações; como hei-de tomar conta de novos encargos?

E há que reconhecer lealmente que certas vidas são extraordinariamente cheias. Felizes das pessoas que têm a vida sempre ocupada: no número e na boa qualidade dos trabalhos. É horrível querer matar o tempo, por falta de ocupação. Matar o tempo!... O tempo, que é preciosa graça do Senhor!... O tempo que, em certo modo, é a moeda que dá entrada na eternidade!...

Mas, regra geral, não são as pessoas mais ocupadas que se queixam constantemente e doloridamente da falta de tempo.

Se, na realidade, o tempo não chega para as obrigações primárias e inadiáveis, não se tomem responsabilidades novas que vão prejudicar tais obrigações.

Haja, porém, simplicidade e lealdade. Faltar-nos-á assim o tempo?

Exame sincero de consciência. Revista serena do nosso dia. Não o começaremos por um acto de preguiça? Seria vantajoso, talvez até para a saúde, erguer logo de manhãzinha e a horas certas. Esforço bendito e rendoso.

Depois, — quem sabe? — talvez largo tempo molemente passado em vagas ocupações, que servirão apenas... para matar o tempo.

Conversas longas, intermináveis, com pessoas amigas, ou com pessoas que nem sequer se estimam.

Nem vale a pena procurar saber o assunto de tais conversas, em que, decerto, não se faz o elogio da justiça, nem se põe em relêvo o mérito da caridade.

Mas a vida está terrivelmente ocupada... As horas não dão para o apostolado... Isso, — pensa-se e tem-se a coragem de dizê-lo. — isso é para as pessoas que nada têm que fazer.

Entretanto, as almas chamam por nós. E Deus, pela voz da Igreja, chama-nos ao apostolado.

Sejamos sinceros: Não fazemos Acção Católica porque, de facto, não temos tempo, ou porque não queremos incomodar-nos?

Ai dos que não são frios, nem quentes, mas apenas mornos! Esses, na palavra terrível da Escritura, serão vomitados da boca do Senhor, o qual reclama almas fortes, almas ardentes, capazes de lutar e de sacrificar-se.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

## • SÚPLICA •

Senhora, venho de longe em piedosa romagem implorar do Vosso amor maternal e compassivo, consolação para a minha alma aflita.

Peregrino da vida, trago nos lábios, o travo de todas as amarguras; nos olhos cansados de chorar, a visão de todas as misérias; nos ouvidos, o eco dolorido de todos os gritos de angústia.

Trago a alma açoitada pelo vento de todas as tempestades, e o coração a sangrar pelos golpes de mil feridas.

Senhora, deixai repousar sobre o Vosso regaço a minha fronte extenuada pelo turbilhão de pensamentos dolorosos. Balsamizai as feridas do meu coração com o unguento suave da Vossa misericórdia, dai à minha alma inquieta e angustiada a «paz que o mundo não pode dar».

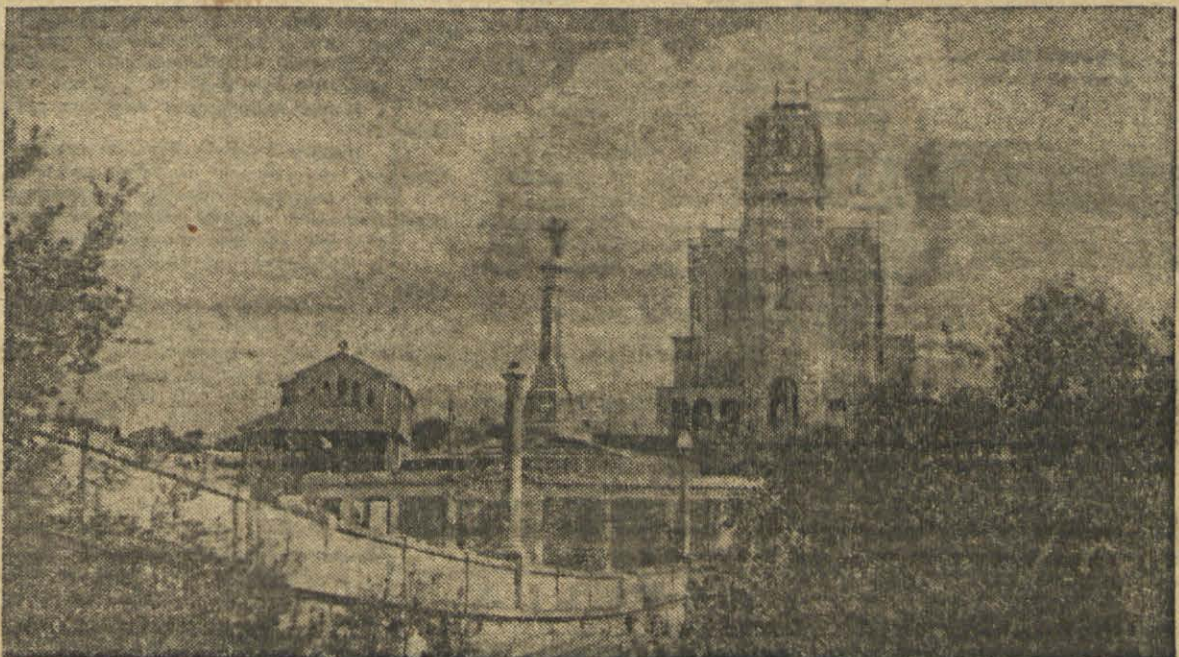
Na noite caliginosa da minha alma recorro a Vós, Estrela da Manhã, suplicando ansiosamente um raio de luz que ilumine e dissipe as minhas trevas.

Senhora, venho de longe, dos meandros labirínticos duma vida inútil e mediocre onde não é possível acalmar a ânsia de mais e de melhor que incessantemente me aguilhoa.

Dai à minha vontade fraca e caprichosa a força da perseverança. Dai à minha alma mesquinha as asas de uma generosidade sem limites no caminho do sacrificio e no amor à Cruz para que a justiça do Senhor me não repûla.

Senhora, venho de longe, do fundo abismo da minha impotência e miséria; não desprezeis a minha humilde e ardente súplica.

«Consoladora dos aflitos», dulcificai as nossas amarguras, suavizai as nossas dores, confortai-nos nos infortúnios, enquanto peregrinamos neste «vale de lágrimas» pois Vós sois toda a «Nossa Esperança».



FÁTIMA — Um aspecto do Santuário



# Nossa Senhora da Fatima na Itália

Continua a assumir proporções verdadeiramente gigantescas a devoção a Nossa Senhora da Fatima e ao Coração Imaculado de Maria, conforme a ceite mensagem da Mãe do Céu aos ditos pastorinhos de Aljustrel.

Referi-me no passado artigo, a diversas publicações, que são por assim dizer as determinantes máximas do grande edificio espiritual, que se está levantando ou reconstruindo em honra da Mãe de Deus, nesta hora de tanta dor e de tamanhas incertezas para toda a humanidade. Ao *Comitato pro Fatima*, que funciona junto do Pontificio Colegio Português em Roma desde 1929, chegam continuamente dezenas e dezenas de cartas, já pedindo livros, jornais, revistas, santinhos, medalhas, agua da Fatima, fotografias, esclarecimentos, já dando noticias de veras curiosissimas do que se vai fazendo para celebrar condignamente os dias 13 de cada mes e de graças extraordinarias atribuidas a intercessão de Nossa Senhora da Fatima. Está a tomar particular incremento a devoção dos cinco sábados para desagravar o Coração Imaculado de Maria. Aqui em Roma, por exemplo, numa Capela dedicada a N.ª Senhora da Fatima, todos os meses se reúnem numerosissimos devotos junto do Seu altar, para ouvir a S.ª Missa, receber a Sagrada Comunhão e ouvir a palavra eloquente do Rev. P.ª Moresco ex-

pondo e ilustrando o espirito da Mensagem da Fátima, tal como resulta, quer das palavras de Nossa Senhora, quer da vida dos inocentes Pastorinhos, feitos modelos de oração e de penitência pela conversão dos pecadores. Multiplicam-se as conferências com projecções luminosas em Colégios, casas de educação, Escolas officias e particulares, Asilos, e até mesmo em casernas de soldados! Escusado é encarecer os frutos que tal apostolado vai produzindo nas almas: convertem-se muitos, as pessoas piedosas tornam-se mais fervorosas e activas no zelo pela gloria de Deus e salvação dos outros, e não há quem, depois de ter conhecido as maravilhas da Fátima ou assistido a alguma daquellas Conferências, não sinta desejos de se tornar melhor e de fazer também alguma coisa para propagar esta nova devoção, que tão forte e suavemente está subjugando os espiritos e elevando os homens para Deus. Quere dizer, «de um extremo ao outro da Itália, a devoção a Nossa Senhora da Fátima lançou já raizes tão profundas, que não há força humana que seja capaz de a arrancar dos corações de quantos só do céu esperam a salvação e a verdadeira paz entre os homens, como há dias se exprimia um sacerdote.

Roma, 2 de Fevereiro 1943  
P.ª JOAQUIM CARREIRA

## Soldados Expedicionários em S. Vicente de Cabo Verde O têrço NOS QUARTÉIS E NA IGREJA

Foi no quartel do Lazareto, quando lá estava o pessoal do B. I. 7, que um grupo de rapazes bem considerável primeiro começou a rezar o têrço. A tardinha, depois do toque da ordem, bastantes rapazes católicos, com o fervor trazido da metrópole ainda bem vivo, iam juntar-se num amplo refeitório, onde faziam a sua oração vespéral presidida por um deles. O exemplo destes irutificou e no quartel da Matiota (sede do B. I. 7) alguns soldados começaram a rezar o têrço também, aumentando depressa o número de frequentadores. Mas aqui havia uma dificuldade: — os rapazes não tinham onde se reunir. Resolveram rezar o têrço mesmo ao ar livre, lá num canto mais recolhido da parada. Dias depois começaram a rezar o têrço todos os dias, na igreja, e talvez tenha sido providencial. A principio iam muitos, tanto mais que os do Lazareto já tinham nessa altura vindo para a cidade. Mas, como em todas as coisas, o entusiasmo da primeira hora esmorece. No entanto, a assistência de alguns está vantajosamente compensada com a affluência de civis e sobretudo das inúmeras crianças da catequese dirigida pelos soldados.

### CATEQUESE PROMOVIDA PELOS SOLDADOS EXPEDICIONÁRIOS DE CABO VERDE (S. VICENTE)

O principal campo de apostolado da juventude militar católica é a catequese às crianças pobres de S. Vicente. Começou da seguinte forma:

A porta dos quartéis há sempre uma multidão de crianças rotas, nuas e miseráveis, que para ali vão esperar as sobras do rancho. Alguns soldados mais zelosos começaram a ensinar doutrina áqueles a quem davam de comer. Formam-se formando assim pequenos grupos aqui e além.

Algum tempo depois, reconhecia-se a necessidade de concentrar tudo na igreja, onde começou a funcionar a catequese em forma, ministrada pelos soldados. Vinham nessa altura umas 80 crianças. Quando se lhes falou numa distribuição de vestidos, o número aumentou extraordinariamente, chegando-se a contar mais de 500 crianças.

De então para cá, as coisas têm andado em altos e baixos, conforme se anuncia ou não distribuição de prémios.

A média de frequência anda entre 150 e 200 crianças.

São admiráveis pelo seu zelo e constância a catequese começou há um ano e tem funcionado com regularidade irrepreensível áqueles soldados que todos os dias ali vão á igreja a ensinar a doutrina cristã. Depois de meia hora de catequese, as crianças assistem ao têrço dos soldados, rezando e cantando com eles. Nesta altura, costumamos ensinar-lhes cânticos que ellas já executam em qualquer acto de culto.

Aos domingos, um grande número delas assiste ás missas das 8 horas, sendo acompanhadas e dirigidas pelos soldados catequistas.

Muitas têm sido nesta catequese preparadas para o Baptismo e primeira Comunhão.

Esta catequese é uma óptima escola de instrução religiosa para tantas centenas de crianças vadias, que doutra maneira nunca aprenderiam o caminho para a igreja.

Distribuições de roupas (depois da comida, a primeira necessidade material desta gente miseravelmente nua e esfarrapada) fizeram-se duas — e estas financia-

(Continua na 4.ª página)

# Fátima na Itália

## Templo votivo de guerra dedicado a Nossa Senhora da Fátima em homenagem a Sua Santidade Pio XII

No dia 31 de Outubro de 1942, S. Ex.ª Giuseppe Bottai, então Ministro da Educação Nacional, acompanhado pelo Presidente da Academia de Itália S. Ex.ª Luigi Pederzoni e pelo Ministro de Estado António Mosconi, inaugurou em Vicenza os trabalhos que infundiram nova vida e esplendor á Basilica dos Santos Félix e Fortunato, padroeiros da cidade e á Abadia suburbana de S.ª Agostinho, donde saíram o primeiro Patriarca de Veneza S. Lourenço Justiniano e o Papa Eugénio IV Cordulmer.

Ao meio-dia, em vez de almoçar com as autoridades, Bottai, não já como Ministro, mas na qualidade de Coronel dos Alpinos, quis tomar o rancho com os seus camaradas nos Castelos de Montecchio Maggiore conhecidos pelo nome de *Giulietta e Romeo*, também restaurados. Esta passagem do Ministro pelo extremo contraforte dos montes Lessini que vigiam a estrada nacional entre Verona e Vicenza, não estava no programa official. Mas uma outra surpresa ai encontrou o Ministro e que lhe foi muitissimo agradável. Entre os dois Castelos, os Alpinos tinham marcado o perimetro duma pequena igreja para ser dedicada a Nossa Senhora dos Castelos, em virtude dum voto de guerra dum official que voltara da Itália e com a generosa oferta dum desconhecido que quis facilitar assim o cumprimento dum voto que era de todos os Alpinos e de suas familias.

S. Ex.ª o Ministro Bottai accetou de bom grado o convite dos camaradas e deu os primeiros golpes de picão para abrir os alicerces do futuro Oratório, seguido lo-

go pelos Alpinos. O Capelão dos Alpinos, D. Pietro Bertoldo, benzeu os primeiros trabalhos da nova construção.

As crónicas officias não se occupam com este episódio, mas agora a imminente primavera está para dar execução ao voto dos Alpinos. O Oratório, porém, é que não será dedicado a Nossa Senhora dos Castelos, mas a Nossa Senhora da Fátima. Porquê? Porque exactamente no mesmo dia, Sua Santidade Pio XII dirigiu a Sua Radiomensagem a Portugal pelo XXV Aniversário das Aparições da Senhora da Fátima que providencialmente coincidiu com o XXV Aniversário da Sagrada Episcopado ao Augusto Pontífice. Quiseram por isso os Alpinos que a igreja fosse dedicada a Nossa Senhora da Fátima, em homenagem também a Sua Santidade Pio XII, e encomendaram ao escultor Giuseppe Zanetti, também Alpino, a estatua da Senhora aos lados da qual sobressaíram nas paredes laterais da nave unica dois paines, representando um o Santo Padre Pio XII que consagra o mundo católico ao Coração Imaculado de Maria, e o outro os Alpinos que constroem a igreja que prometem.

O Oratório será ainda uma simples mas delicada obra de arte de carácter alpestre, devida ao architecto Ferdinando Forlatti, Superintendente Régio dos Monumentos de Veneza e, dará uma nota de purificante espiritualidade num lugar dos mais pitorescos da Costa do Pásubio ao Grappa.

(Do «Osservatore Romano» de 3 de Março de 1943).

## TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MES DE MARÇO

Algarve	6.403
Angro	20.909
Aveiro	9.044
Beja	5.167
Braga	81.046
Bragança	12.827
Coimbra	14.539
Évora	4.834
Funchal	13.589
Guardo	18.204
Lamego	12.756
Leiria	14.628
Lisboa	14.257
Portalegre	13.074
Pôrto	52.946
Vila Real	24.925
Viscu	10.406
<hr/>	
Estrangeiro	329.554
Diversos	3.722
<hr/>	
	12.204
<hr/>	
	345.480

### REMEDIO D.D.D.

Para combater rapidamente todas as perturbações da sua pele — dar-lhe á um aspecto agradável.

É maravilhoso ver como este liquido antiséptico-curativo, actua rapidamente.

Tenha sempre em sua casa um frasco de Remedio D. D. D. que tem inúmeras applicações.

Manchas, Chagas, Furúnculos, Eczema, Psoriasis, Dermatites, Pés doridos, Queimaduras e frieiras.

A venda nas farmácias e drogarias.



**D.D.D.**  
O Remedio para a pele

## SALDOS ANTIGOS!

Liquidação de todo o artigo de inverno e meia estação!

- Fantazias lã, finas desde m. 11\$50
- Fazenda lã género veludo desde m. 27\$50
- Fantazias lã para sala e casa desde m. 14\$80
- Fazenda de lã pic-pic moda desde m. 31\$00
- Casacos Malha lã fina - saldos 36\$00 e 30\$00
- Casacos malha lã estambre saldos 64\$00 e 47\$50
- Camisolinhas malha e/bolsos saldos, 9\$50
- Meias seda, c/grande duração, saldo 7\$40
- Meias linho c/costura, reclamaes 5\$40
- Meias de linho fino saldos, 10\$50 e 8\$60
- Meias seda gaze muito finas 11\$50 9\$60 e 8\$50
- Meias escôcia grande duração saldos 10\$00 7\$50 6\$50 e 4\$80
- Sedas, lindos padrões e listras desde m. 12\$50
- Panos atalhados e roupa quasi de graça.

Peçam amostras e preços gratis. Província Ilhas e Colónias, enviamos tudo contra reembolso armazem de Revenda.

A COMPETIDORA DAS MEIAS R. Arco Marquês do Alegrete, 39 1.ª — Lisboa

**STELLA**  
Para não ficar sem o número de Maio da STELLA queira requisitá-la já a fim de regular a tiragem.

## A MENSAGEM DA FATIMA O IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Por motivo da Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, a revista espanhola — *Iris de Paz* — dedicou um número especial a tão extraordinário acontecimento, transcrevendo na íntegra a célebre mensagem do Santo Padre Pio XII aos portugueses. São do digno director da referida revista as seguintes entusiasticas palavras que insere na primeira pagina: «Gloria a Cristo pelo Coração de sua Mãe! O mundo estremeceu de júbilo e esperança diante do rasgo sublime do Vigário de Cristo... Chegou o momento do Retornado universal do Coração de Maria, que tão rico de promessas, se manifestou na Fátima...»

O mesmo illustre Director Gr. Martinez de Antoñana C. M. F., publicou um belo opusculo intitulado «El Mensaje de Fátima e el culto al Corazon de Maria», de que nos enviou dois exemplares.

**NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.**

No Santuário da Fátima encontra-se à venda toda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas do escultor João da Silva.

## Voz da Fátima DESPESAS

Transporte	2.636.995\$75
Papel, comp. impr. do n.º 246	23.469\$27
Frang. Emb. Transporte do n.º 246	5.848\$45
Na Administração	320\$00
<hr/>	
Total	2.666.633\$51

Donativos desde 15\$00

- D. Maria dos Prazeres Osório, Castendo, 130\$00; D. Rosa de Sousa, Lisboa, 20\$00; D. Isabel Maria Igreja Basto, Leiria, 50\$00; D. Tília Machado da Silva, Lisboa, 20\$00; D. Angelina Alves Ferreira, Vila Pouca, 20\$00; P.ª José Rodrigues Alberto, Pico, 60\$00; D. Rosa do Carmo, Horta, 40\$00; Director da Casa de Saúde de S. Rafael, Angra, 20\$00; Viscondessa de S. Gião, Lisboa, 20\$00; D. Amália Mendes de Macedo, Trás-os-Montes, 20\$00; D. Adelaide Chambers, Pôrto, 15\$00; D. Isabel da Luz Vieira, Torres Vedras, 60\$00; P.ª Manuel da Silveira, Lisboa, 20\$00; José António Fialho de Almeida, Caldas da Rainha, 20\$00; D. M.ª Madalena Carvalho Almeida, Fontelas, 20\$00; Luís Lopes Abegão, Tramagal, 15\$00; D. Lucinda Guerra, Moncorvo, 20\$00; D. Clara Maria, Miranda do Corvo, 40\$00; D. Virginia Mimoso, V. do Castelo, 45\$00; P.ª Augusto Rodrigues Monteiro, Viseu, 50\$00; Manuel Nunes do Pranto, Costa do Valeado, 50\$00; D. Alzira dos Santos Ferreira, Podence, 70\$00; D. Maria Rangel, Podence, 30\$00; Mário Pereira, Idanha-a-Nova, 20\$00; P.ª António Silveira de Medeiros, Horta, 441\$00; D. Júlia Reto Relvas, Pôrto, 20\$00; D. Conceição P. Caupers, Lisboa, 20\$00; D. Maria Helena Diogo, Caldas da Rainha, 17\$00.



# Em Boa Hora... Graças de N. S. da Fátima

C apito da fábrica acabava de soar, repercutindo-se pelas diversas secções — oficinas, pátios e alpendradas, — chegando como um eco festivo a joacões operários, porque, ademais de marcar o momento amejado de descanso, marcava o do recebimento da ferial semanal. Era sábado e o avanço dos relógios sobre o sol, que afagava ainda de alto os telhados, dava a ilusão das proximidades do estio.

Em chusma, homens, mulheres e adolescentes — quasi crianças alguns, pelo atrofamento, se não pela idade — logo despontavam de portas e portões, dirigindo-se para os três «guichets» do pagamento, diante dos quais se agrupavam em bicha.

Da dos homens, um dos primeiros a sair, rapaz forte e desempenado, de modos decididos mas não provocadores, antes contrabalançados pela expressão de ponderação e prudência no rosto denegrido das proximidades da lousa, passava a estrada mas pronto retrocedia, como por subita resolução, e vinha encostar-se ao muro, pachorrentamente disposto a esperar fosse que tempo fosse.

Poucos minutos se tinham passado, porém, quando entre os operários que saíam deixou um, que se salientava ainda na pressa que todos, mais ou menos levavam, precipitou-se atrás dele e conseguiu detê-lo três ou quatro metros adiante.

— Estava à sua espera, mestre João...

O outro franziu o sobrolho mas respondeu sem desabrimiento:

— E para quê?... É que vou com muita pressa...

— Pois vamos juntos e conversemos pelo caminho... que assim fica mais curto e não se perde tempo.

— Mas e que eu agora não ia para casa...

Era evidente que mestre João queria fugir a conversa do vizinho Pedro, a quem já por várias vezes se negara em casa e, ultimamente, sempre se lhe escapava na vinda para a fábrica ou no regresso. Contudo, era certo também que este tinha aprazada para aquela tarde uma reunião secreta na cave duma taberna, lá para o Bairro Alto, reunião que havia sido combinado fazer-se antes das rondas nocturnas da policia.

— Então não se transtorne, acudiu Pedro de boa sombra.

Também eu não tenho pressa de chegar a casa; preventi os meus velhotes de que talvez me demorasse e, então, se me dá licença, acompanho-o um bocadinho.

Não havia que retorquir sem perigo de ser malcriado e de pagar com grosseira ingratitude tantos favores que mestre João e a familia deviam aquelles vizinhos. E ele, se era certo que maltratava a pobre da mulher, tinha amor aos filhos e não podia vê-los doentes ou a chorar com fome.

Continuaram, pois, ambos a andar, não obstante a contrariedade transparente no rosto do mais idoso, que teve o cuidado de, quando se encontraram em plena cidade, escolher direcção oposta à que levava em vista.

Já Pedro, com o seu desasombro e franqueza habituais, entrava no assunto que lhe não consentia mais delongas:

— Mestre João... sabe quanto o estimo e aos seus e espero que na medida do possível, já lhe tenha dado provas disso.

— Não há dúvida! foi a resposta pronta embora levemente tocada de mau humor.

— Pois diga-me, então que conceito faria vossemecê da minha amizade se, estando eu, como sabe bem firme na crença de que temos uma alma e que depende de nós a nossa felicidade na vida eterna não fizéssemos toda a diligência para lhe comunicar a minha Fé?

E como mestre João se caía embaraçado:

— Se vossemecê, que também eu creio meu amigo...

— Lá isso... pode estar certo!

— Pois bem! Se me visse prestes a cair num precipício, e pudesse, não me deixava a mão a ver se me salvava?...

— Olha a comparação!

O tom era agora outro, entretrocista e interessado.

— Quere ver que não é descertada? prosseguiu Pedro sorrindo, ávido de aproveitar a aragem favorável que começava a soprar. Mas sentemo-nos um pouco para conversarmos mais a vontade, enquanto gozamos a bela vista deste jardim. Que rica tarde!

— Homem... o melhor é a conversa ficar para outro dia... Porque há-de ser hoje, por força não me dirá?

— Porque... Vamos ainda a uma comparação: se vossemecê tivesse uma contribuição a pagar, uma licença a tirar ou qualquer outra coisa a cumprir por lei, não tratava disso a tempo e horas e arriscava-se a uma multa pesada ou até a ir pagar a cadeia?

— Essa agora! Mas com que coisas éle me vem hoje!

Já francamente interessado, foi o primeiro a sentar-se num banco que ficava um pouco à parte do ponto mais frequentado do jardim.

— Pois e como lhe digo continuei Pedro; nós DESOBRIGAMO-NOS o mais prontamente e o mais airosoamente que podemos dos compromissos que temos com as leis dos homens, e com a Lei de Deus... e o que se vê... Está a Quaresma no fim...

— Mas isso eram costumes antigos, recalcitrou mestre João.

— Quais antigos! Só as leis humanas envelhecem, acredite meu amigo...

E a conversa prosseguiu com crescente curiosidade da parte de mestre João e inalterável paciência e persistência da parte de Pedro, que se esforçava por manter o coração em prece constante, não fosse tudo desabar de repente por falta do sólido apoio da oração.

Assim se passou mais de uma hora. Já as luzes se acendiam e o jardim se despovoava, quando um vulto embuçado num capote e de chapéu desabado, se acercou deles e disse, baixinho e ofegante, para mestre João, e supondo, sem dúvida, que Pedro era também do confilho:

— Em boa hora te escapaste, meu velho... Mas aconselho-te a que te ponhas no seguro... Está quasi tudo catrafilado...

Deu meia volta e desapareceu deixando os dois de pé, pelo mesmo impulso instintivo, a olharem-se, com olhos que diziam muito do sentir que lhes ia na alma.

Foi Pedro o primeiro a falar:

— Então? Não segue o conselho dêsse seu amigo?

— Amigo... aquillo? Amigo dêsse que só serve para encerrar uma pessoa?... Não e não! O meu unico amigo de hoje em diante, há-de ser aqui o vizinho Pedro. Vamos para casa! Se me prenderem, é o mesmo! Não é mais do que o que eu mereço! Quere-se crer que já me

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**D. Angelina Alves de Jesus, Rio Meio, Feira** sofreu durante anos de tuberculose intestinal, renitente a todos os tratamentos, não havendo clinicamente esperança de cura. Cheia de fé, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e sentiu-se curada, tendo ido já a Cova da Iria agradecer tão assinalado favor.

**D. Maria Isabel de Moraes, Mercena, diz** que havia cinco anos que adoecera com tuberculose pulmonar; entrou num sanatório em Lisboa, mas o seu estado era de tal modo desesperado, que de nada lhe valeu, voltando para casa, onde passou alguns meses muito mal, apesar de todos os cuidados. Esperava so a morte. Pediu os Sacramentos e so pensava em bem se preparar para essa viagem da eternidade. Recebeu os últimos Sacramentos, sentiu ligeiras melhoras, começou desgratamente a alimentar-se melhor, e luzindo-lhe ainda uma esperança de vir a melhorar inteiramente, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo, caso a cura se desse, ir a Fátima, e levar-lhe uns objectos de ouro que possuía e que sempre trazia consigo. Fêz muitas novenas, bebendo sempre algumas gotas de agua do Santuario da Cova da Iria e rezava a terço todos os dias. Nossa Senhora atendeu-a. Em 11 de Junho de 1938 já foi a Fátima cumprir as suas promessas.

**D. Maria Herminia Alves Moreira, Matosinhos, diz:** «Meu marido adoeceu com uma bronco-pneumonia; vi-o tão affito, que recorri a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe que nos acudisse. Logo fomos atendidos, porque o doente principiou a melhorar e encontra-se bem, graças a Mãe de Deus.»

**D. Beatriz Correia da Fonseca, Lisboa, fora** acometida duma enfermidade que muito a fez sofrer. Havia três meses que estava no leito, cheia de horribes dores. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, a quem era devedora já de algumas graças, e decorridos alguns dias, sentiu melhoras, e, ainda que não de todo restabelecida, principiou a fazer algumas voltas no arranjo da casa. Cheia de reconhecimento, vem, como prometeu agradecer publicamente a graça que Nossa Senhora lhe fez.

**D. Maria Sampaio Maia Almeida Françaes, Espinho, agradece** a Nossa Senhora da Fátima a graça que lhe obteve, curando-lhe seu filho Fernando Manuel, gravemente atacado de gripe, com superveniência de reu-

matismo no coração. Desta cura disse o médico assistente que parecia um milagre.

**Elias Caetano Alves e Gertrudes do sofrido** duma grave paralisia nas pernas, que a impossibilitava completamente de andar, recuperou os movimentos, depois de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, prometendo tornar publico o seu reconhecimento para com a Saúde dos Enfermos.

**Elias Caetano Alves e Gertrudes Funcheira, Alcobaca, vêm agradecer** a Nossa Senhora da Fátima a cura dum filho de três anos. Estava tão gravemente enfermo, que todas as esperanças estavam perdidas, quando os affitos pais se voltaram para Nossa Senhora, rogando-lhe com muita fe, que lhes salvasse o filho e prometendo uma avultada esmola para o seu Santuario da Fátima. Foram atendidos e por isso vêm tornar publico o seu agradecimento a Celeste Beneficitora.

**D. Maria da Conceição Baptista Esteves, Lisboa, foi** acometida de violentas colicas renais pelo que recorreu a Nossa Senhora da Fátima, que prontamente atendeu a sua prece. Vem, por isso, agradecer publicamente a SS.ª Virgem.

**Manuel Ventura dos Santos, Valega Ovar** sofria havia alguns meses duma infecção num dedo duma das mãos. Na iminência de lhe ser amputado, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e foi curado.

**Manuel V. da Silva e Maria S. Silva, Norte Grande — S. Jorge,** adoeceu-lhes sua filha Maria Judite, de 18 meses de idade. Havia cinco semanas que estava entre a vida e a morte, dando por vezes poucos sinais de vida. Apareceu-lhe um abcesso no ventre, pelo que teve de entrar num Hospital, onde o médico lhe descobriu uma perfuração do intestino. Os affitos pais, que já tinham recorrido a Nossa Senhora da Fátima, quando se viram quasi sem esperanças de que a filha melhorasse, recorreram ainda com mais fe a Saúde dos Enfermos, prometendo mandar celebrar uma missa em sua honra no dia 13 e publicar a graça na «Voz da Fátima», se fossem atendidos. Dentro de poucos dias, a criança ficou curada, sem mais medicamentos. Vem cheios de reconhecimento, cumprir a sua promessa.

**D. Maria Garcia Avelar, Horta,** tendo um irmão com tuberculose pulmonar, recorreu com muita fe a Nossa Senhora da Fátima, dando a beber agua da Fátima ao enfermo, durante a novena que fez. Nossa Senhora dignou-se conceder-lhe a graça impetrada, pelo que vem publicamente agradecer.

**Januário Augusto da Silva, Praia da Vitória,** sofrendo havia muitos anos, de desesperadores acessos de asfixia, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a cura da terrivel asma e prometendo 100\$00 para o seu culto. Foi atendido, pois nunca mais sentiu aquelle mal, graças a Intercessão da Mãe de Deus.

**NO FUNCHAL**

**D. Maria Vera das Mercês Abreu, Sítio do Trapiche,** diz que a seu pai, José de Abreu, havia aparecido um inchaço no pescoço, lá para um ano; entretanto, alegando que isso era nervoso, não fez caso, e só quando lhe estorvava a mastigação resolveu consultar o médico, que reconhecendo a gravidade do caso, o remeteu para os clinicos do Hospital. Feitas várias análises, declararam os médicos ser necessário sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica e que seria mesmo melhor ir para um Hospital de Lisboa. Entretanto, vendo o médico a repugnância que o doente sentia pela operação, disse-lhe que ia experimentar certo tratamento de que não garantia o feliz resultado. Principiou o tratamento e logo de inicio appareceu curado, o que levou o médico a exclamar: «O sr. está

curado; aqui há mistério!... Se o sr. sabe como foi, diga-mo, porque eu estou aqui fazendo estes tratamentos há doze anos e ainda não me aconteceu uma coisa destas. Realmente, diz a filha, ele dizia bem, porque a medicina não foi da terra mas do céu. Foi Nossa Senhora da Fátima que curou o meu pai, como eu lhe pedi numa novena que fiz, prometendo publicar a graça na «Voz da Fátima» para maior glória da Santissima Virgem.

**EM ITALIA**

**Helena Torsellini, de S. Mergherita Ligure,** escreve em data de 13 do corrente:

«Numa convalescença obscurada e perigosa, recorri ao Coração Imaculado de Maria, consagrando-me a elle e confiando na Mãe do Céu. Hoje estou completamente curada! Publico a graça recebida, prometendo fazer algum sacrificio pelos peccadores.»

**Agradecem graças obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima:**

**P. António Correia Escobar, Faial, Nuno Lopes Braz Belo de Carvalho, Lisboa.**  
**D. Maria Carlota Santos Gomes, Elvas.**  
**João António dos Santos, Elvas.**  
**José Victorino Pinto, Bragança.**  
**D. Isaura de Moraes Arcias, Póvoa do Lanhoso.**  
**D. Maria Amália Teixeira Pinto, Lisboa.**  
**D. Maria dos Prazeres, S. Gião.**  
**P. Daniel Pereira de Magalhães, S. João de Ver.**  
**D. Elvira Ribeiro de Almeida, Vale de Azareis.**  
**D. Tília Dulce Machado da Silva, Lisboa.**

**Manuel Ribeiro Gomes, Candomil, António Serra, Trofa.**  
**António de Jesus Pereira Horta, S. Pedro.**  
**D. Almerinda Celeste P., Pedras Salgadas.**  
**D. M.ª de Lourdes Leão M. Brandão, Negrelos.**  
**D. Maria dos Anjos, Pórtó.**  
**D. Alexandrina Rosado Bravo de Fonseca, Évora.**  
**Manuel Gonçalves da Costa Torres, V. do Castelo.**  
**Domingos Fernandes, Braga.**  
**D. Elvira Valente Martins, Valega, Ovar.**  
**D. Carmen Oliveira Melo, Vila da Feira.**  
**Manuel Bernardino Nunes, Oliveira do Hospital.**  
**D. Maria da Conceição Paiva Cardoso, Lisboa.**  
**D. Sara da Conceição Santos, Lisboa.**  
**D. Maria Leopoldina Cardoso, Caldas da Rainha.**  
**D. Maria de Jesus Queirós Ribeiro, Alvarelims.**  
**D. Olinda Simões Fernandes, Coimbra.**

**D. Amélia de Jesus da Silva Dias, Viana do Castelo.**  
**D. Maria Angélica de Oliveira Lima, Arcos de Valdevez.**  
**D. Maria Helena Nogueira da Silva, Arrifana.**  
**D. Angela Martinho, Viseu.**  
**D. Angelina Marques, Povoia do Varzim.**  
**José Fernandes, Elvas.**  
**D. Maria de Matos, Pórtó.**  
**José Joaquim Teixeira, Ghaves.**  
**António Clemente, Coimbra.**  
**José Manuel Henriques, Tomar.**  
**Eduardo Gomes, Lisboa.**  
**Céu Barreiras André, Monção.**  
**D. Maria Soares de Brito, Oitão.**  
**D. Palmira Cumbre da F. Santos, Viseu.**  
**D. Maria de Jesus Dias, Borba.**  
**D. Lucinda Júlia Monteiro, V. P. de Aguiar.**  
**D. Fernanda Soares, Pórtó.**

**M. de F.**

**ARRECEIO mais de outra Justiça que da justiça cá da terra?...**

Se de facto a Quaresma estava a findar e Pedro entendia que certas coisas não se devem fazer de afogadilho, no terceiro Domingo depois da Páscoa tinha elle a consolação de ver os seus esforços coroados, acompanhando a sua igreja paroquial, no cumprimento da desobriga, mestre João, a mulher e a filha unica velha.

E, por estranho que pareça, a justiça dos homens nunca lhes foi perturbar a vida, dando assim lugar a que elles mais abrissem os olhos e os corações a misericórdia de Deus



PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XXXI

Defesa da Saúde

Diante da catástrofe que ensanguenta o mundo, é da maior oportunidade pensar em defender a vida.

Não é de hoje a medicina preventiva, conquanto nos últimos cem anos muitos progressos tenha feito a higiene.

Mas não se desvanega demasiadamente o médico da actualidade, pois que já os gregos antigos, que viveram cinco séculos antes de Cristo, conheciam muitas regras para prevenir as doenças.

É na literatura portuguesa da Idade Média podemos encontrar excelentes noções de higiene. A vida humana prolongar-se-ia, por certo, se seguíssemos, por exemplo, os sábios preceitos aconselhados pela obra célebre do nosso eloquente Rei Dom Duarte, intitulada *Leal Conselheiro*. Poucas vezes, como nesse velho livro, se podem ver os malefícios da luxúria e da gula. O *Leal Conselheiro* ainda hoje deve considerar-se um tratado excelente de moral e de higiene. Pena é que dele se não faça uma edição popular, com a linguagem modernizada, em que os diversos capítulos sejam devidamente comentados e explicados!

Ouçamos alguns conselhos do régio mebro da ínclita geração:

«A saúde do povo é saúde do príncipe e o príncipe deve amar muito a sua saúde», disse D. Duarte. Com efeito, mal vai aos governantes se é mau o estado sanitário da população.

«Pósto que a morte não possamos fugir, diz noutra parte o famoso Rei, dela nos devemos afastar, tanto quanto a graça de Deus o permita, pois grande pecado é uma pessoa ser matadora de si própria».

«E, portanto, lícito e até obrigatório empregarmos todos os meios ao nosso alcance para evitar a morte».

Sob o ponto de vista da higiene, talvez seja o Capítulo Centésimo o

mais notável do *Leal Conselheiro*.

Nêle se passa em revista o que mais convém fazer a propósito da higiene da alimentação. Ao jantar, aconselha D. Duarte, deve mastigar-se bem, e beber, o máximo, duas ou três vezes. O vinho deve ser adicionado de água, porque, se é forte, custa a digerir.

Desaconselha o abuso do leite e lactícios, assim como das frutas e ovos.

Não se deve dormir senão passada uma hora depois de comer. Também se não deve beber senão depois que passe uma hora depois do sono.

Depois de trabalhos pesados, não se deve comer nem beber, senão após algum tempo de repouso.

Bom será que não se beba depois da ceia.

A região do estômago não deve estar demasiadamente apertada, nem frouxa demais.

Depois de refeições abundantes, não se deve beber, ainda que haja sede.

Não é conveniente ir para a cama senão depois de passar pelo menos uma hora após a última refeição.

Se o jantar for muito abundante, deve cear-se frugalmente, sete ou oito horas depois. Convém lembrar que antigamente se chamava jantar à refeição do meio-dia.

Aconselha Dom Duarte a deitar cedo e levantar cedo.

Na cama agasalhem-nos bem, mas não demasiadamente.

Depois da refeição da noite e, pela manhã, ao levantar, deve dar-se um passeio.

Estes e outros conselhos salutares deu El-Rei Dom Duarte I, há quinhentos anos.

Um médico humilde do século XX acha prudente segui-los ainda hoje.

J. A. Pires de Lima

CONVERSANDO PALAVRAS MANSAS

A Propriedade Agrária

BOA MORTE

No último número de *A Voz da Fátima* demos notícia do *Plano Beveridge* na Inglaterra, — plano que tem por fim assegurar aos indivíduos de todas as classes e idades um mínimo indispensável de subsistência, em qualquer eventualidade para que não bastem as próprias forças.

Hoje podemos também já dar notícia do *Plano Beveridge* nos Estados Unidos da América do Norte. Roosevelt, presidente dessa poderosa República, acaba de enviar ao Congresso Nacional uma mensagem com o relatório da Comissão Oficial incumbida de preparar a adaptação daquele Plano, recomendando-o e reforçando-o, para que as suas propostas possam entrar em vigor ainda antes de terminar a guerra.

Não há agora sobre a terra país algum que não vá atento a esse movimento, quer para aperfeiçoar realizações já feitas, quer para ensaiar estruturas novas de análogos objectivos.

Mas, entretanto, a quantos sacrificios de conciliação e de remodelação não obriga!

Logo de frente interpõe-se nêle o problema da organização da propriedade agrária de modo a melhor garantir a máxima produtividade e regularidade dos alimentos, ou subsistências, de que é a principal fonte. Sem esta organização tudo o mais seria edificar sobre areia, agravando as misérias sociais que não temos podido evitar.

Felizmente, as reformas em marcha inclinam-se para a organização da propriedade agrária em regime de direito privado isto é, com a faculdade para os donos de usufruir exclusivamente dentro de restrições impostas pelo bem comum, a condicionar a extensão e os preços das outras espécies de propriedade, com se infere, por exemplo, do *Plano Beveridge* norte-americano, ao facilitar a aquisição de géneros alimentícios a toda a população com salários baixos e também das propostas, que Roosevelt lhe adicionou, para a continuação dos interesses do Estado no funcionamento das grandes indústrias.

A propriedade agrária em regime de direito privado é, com efeito, um dos principais pilares da ordem social, a par da Religião, da Família, e da Pátria; é a fonte mais abundante dos alimentos da vida e o melhor meio de os fazer distribuir; é o factor da maior e possível felicidade no conjunto da Família e da mais segura e bem entendida liberdade no conjunto da Pátria e em face de todos os governos.

O movimento, que em volta da propriedade agrária se faz, mediante as novas reformas sociais, com o fim de garantir a cada um o mínimo indispensável de vida, representa uma justa consagração de técnica económica e política à acção social da Igreja, desenvolvida, sobre os Evangelhos, em todos os seus catecismos de doutrina, especialmente nas encíclicas *Terum Novarum* e *Quadragesimo Anno*, e nas várias instituições que a sua inesgotável caridade tem inspirado por toda a parte e em todos os tempos. Oxalá os factos correspondam em breve, com mais claro significado, às nossas previsões.

Duma coisa, porém, podemos estar certos: é que Jesus, tendo-nos assegurado que contra a sua Igreja nunca prevaleceriam as forças do mal, quis-nos na fé de que sobre a terra o Mundo Moral, que criou e resgatou com o seu sangue, triunfaria sempre, apesar de todas as resistências em contrário. A Caridade Cristã continuará, pois, como sempre, eficazmente a sua missão entre os homens.

Março de 1943.

A. Lino Netto

O Dr. Francisco Fernandes contava com emoção e nostalgia a morte de um grande advogado de Lisboa, que se viu sempre ferozmente a causa legitimista. Foi na nossa terra, para bem e honra de todos, o que Berryer foi na França.

Entre outros, ficou-nos dêle um discurso, proferido no fóro do Porto, em que a gente não sabe que mais admirar, se a competência jurídica, se a coragem moral, porque é nêle, freqüentemente versado, com pontaria certa, o duque de Saldanha, então presidente do conselho. Contos largos...

A morte do grande advogado foi a morte de um cristão que espera a hora de Deus, como dizia Bossuet, serenamente. Recebidos os sacramentos com uma viva confiança na misericórdia de Deus, conselhos e exortações à família, despedidas aos criados, agradecidas e humildes, um grande sinal da cruz, como derradeira profissão de fé católica, e logo depois, paralizada pela morte a mão forte e leal que vagarosamente o traçou... A última grande causa — causa própria, sem dilação nem recurso, para o eminentemente advogado cristão era realmente aquela.

A vida a apagar-se em palavras e em gestos que recomendam a morte. Camovidamente o Dr. Francisco Fernandes concluiu a sua narrativa por dizer: como eu invejo esta morte! como deve ser bom morrer assim!

O que diria o ilustre advogado, que foi no fóro português a ordem e a nitidez, se fôsse hoje e visse como tanta e tanta vez acaba a vida nos grandes centros urbanos!

Alguns dos poucos que me lêem são ainda, como eu, do tempo em que por toda a parte, nas moradias, a morte tinha um cenário condigno e um ambiente, em certo modo, litúrgico. Estava perto o oratório de família, impregnado de uma devoção que atraía e consolava, sendo fácil notar que das paredes dos diversos aposentos pendiam, intencionalmente bem visíveis, quadros e símbolos religiosos. A morte do pecador arrependido, a morte do pecador impenitente... Lembra-se? Aqui a serenidade radiosa, como uma nesga do céu na primavera, além a inquietação formidável, como a da vaga que empolga e despedaça...

Os vizinhos falavam em surdina, num tom de reza amiga e solidária.

Da rua raramente vinham ruídos perturbadores. Permitia-se até amortecer por qualquer forma o trepidante rodar das carruagens.

Faziam-se, pois, vagarosamente, ouvindo bem a voz da consciência, as disposições da última vontade; recebiam-se os sacramentos com a alma toda aberta à graça que êles contém; pressentia-se que a separação definitiva não seria a perda das afeições mais puras e duradouras: diziam-se palavras destinadas a não esquecerem mais; aceitava-se a morte como vontade, ordem e chamamento de Deus.

Entre esperanças mais vivas do que as luzes dos enterros e orações rezadas com um fervor singular, a alma piamente confiada na misericórdia infinita, voltava-se toda para a verdadeira vida, que ia, enfim, começar... Dos erros e das ilusões restavam apenas cinzas. Ser de Deus é ser todo da verdade. Serenidade, amor, resignação, confiança... Com Jesus, diz Pascal, nos *Pensamentos*, até o morrer é doce.

E hoje?... Depois de muitos remédios, muito pranto, muito luto, muitas flores, muitas luzes, muitos pêsames e, se possível for, muitos carros. Até na morte, mais luxo e mais dinamismo...

E a paz, a paz de que têm fome e sede os moribundos?... Seria talvez melhor não falar nisso.

Morre-se sabe Deus como. Os vizinhos são quasi sempre indiferentes ou desconhecidos, que so querem saber da vida; a rua é um vasadouro de ruídos desagradáveis; e aqui e além a rádio espalha músicas que não se parecem em nada com os trechos religiosos de Perosi e de Mozart.

Quando morreu Sanjurjo, a rádio sobrepos imediatamente à breve notícia do formidável desastre as notas emolientes e acanhadas de um tango. Que, profanação e que horror!

A levandade humana a querer destacar baldadamente, sempre baldadamente a escuridão misteriosa da morte...

Mas afinal que fazer?... Será bom irmos pensando na fundação de casas, isoladas por uma larga zona protectora, em que se possa, mais perto de Deus e no meio dos poucos que nos amam, morrer em paz, morrer bem. Casas da boa morte...

Correia Pinto

CRÓNICA FINANCEIRA

O problema das carnes voltou a fazer o giro dos jornais, por causa da intercepção que o Sr. Deputado Dr. Melo Machado fez no Parlamento sobre tão importante assunto. Pelo relato da imprensa, tivemos o gosto de verificar que aquêlle nosso antigo colega e muito prezado amigo defendeu corajosamente a boa doutrina económica, como bom lavrador que é. Não que respeite a preços e tabelas, aquêlle ilustre deputado disse mais uma vez o que não nos temos cansado de repetir, nestas colunas e nas do «Comércio do Porto» e é, em boa verdade, o que dizem todos os economistas do nosso tempo: As tabelas só servem para perturbar os preços, tornar as coisas mais caras e desorientar a produção. De um modo especial, as tabelas das carnes têm sido uma verdadeira calamidade nacional. As tabelas das carnes não é bem, porque no final das contas só a carne de vaca tem sido tabelada. Resultados obtidos, todos negativos e senão vejamos.

Em muitas terras, e designadamente em Lisboa e Porto, a carne de vaca desapareceu de todo ou aparece tão raras vezes que só depois de muitas horas de busca se podem obter uns migalhos cheios de nervos, ossos e gorduras e ainda por cima com peso a menos muitas vezes. Fazendo a conta ao que não presta e passando a carne limpa, fico muito mais caro do que se estivéssemos em regime de liberdade comercial. Aqui em Coimbra ande, merce dos bens esforços do Sr. Governador Civil, as coisas estão muito melhor do que no Porto, por exemplo, ainda assim a tabela exerce os seus efeitos perniciosos. Como o freguês tem de aceitar o que lhe dão, apesar

da tabela marcar 14\$00 o quilo, a carne limpa fica em média a mais de 20\$00. E ainda é o mais barato que há dos alimentos azotados de origem animal. Porque o cabrito a 12\$00 fica mais caro do que a vaca a 24\$00, porque não rende nada, o mesmo sucedendo à carne de porco que já o rifão diz que faz a cozinheira ladra. A pescada vende-se a 20\$00 o quilo e o restante peixe anda pelo mesmo.

Ora é sabido que para fazer o valor alimentício de um quilo de vaca é preciso quilo e meio de peixe. Pescada a 20\$00 o quilo é o mesmo que vaca a 30\$00. A sardinha e o carapau sumiram-se... A falta da vaca, provocada pelas tabelas e pelo pseudo-racionamento imposto pela J. N. dos P. P., faz encarecer todos os outros produtos azotados de origem animal. É efeito da lei económica que diz que, se um produto falta, todos os seus sucedâneos encarecem.

Isto quanto aos efeitos produzidos pela tabela sobre os preços. Quanto aos efeitos produzidos sobre a produção, também são frescos. A tabela do leite faz com que os lavradores se estejam a desfazer das vacas, como disse o Sr. Melo Machado e já era notório aqui no centro do país.

A engarda acabou, porque dá prejuizo. Dizia-me no verão um velho amigo que é lavrador no Minho: tenho lá em casa uma junta de bois gordos pela qual me dão cinco contos, mas se a vender, tenho de comprar outra para o lugar daquela e custa-me sete, por isso não vendo. Só se fosse tolo...

Pacheco de Amorim

SOLDADOS EXPEDICIONARIOS EM S. VICENTE DE CABO VERDE

(Continuação da 1.ª página)

das com dinheiro oferecido pela tropa — a primeira com o produto de uns desafios de futebol (50 roupas); a segunda com o produto duma receita levada a efeito pelo B. I. 7 (180 roupas).

PROCISSÕES DAS VELAS PELOS SOLDADOS EXPEDICIONARIOS DE CABO VERDE

Procições das velas em honra de Nossa Senhora da Fátima, de iniciativa propriamente militar, fizemos três: — agosto, outubro e dezembro de 1941.

A mais bonita de todas foi a de agosto feita pelos soldados do B. I. 7, em união de espírito com a peregrinação da Diocese de Leiria ao Santuário da Fátima.

A de outubro foi prejudicada pela chegada de um contingente de tropas nesse dia e hora.

A de dezembro, bastante mais concorrida que a anterior, perdeu muito do brilho, por causa do vento que apagava as velas.

Em todas estas procissões foi levada a imagem de Nossa Senhora da Fátima oferecida por S. Ex.ª o Sr. Bispo de Leiria para acompanhar o B. I. 7 durante a Expedição.

Em maio de 1942, realizou-se, promovida pelo Rev. Párco da cidade, uma imponente procissão das velas, em que os militares tiveram parte marcante também.

A Diocese de Pamplona (Espanha) consagra-se ao Imaculado Coração de Maria

O Sr. Bispo de Pamplona enviou a Sua Em.ª o Senhor Cardeal Patriarca o seguinte telegrama:

«Diocesis Pamplona al consagrarse entusiasmo indescriptible inmaculado Corazon de Maria dirige recuerdo emocionado Virgen de Fátima y abraza catolico pueblo portugues en suplica fervorosa paz del mundo. Marcelino Obispo».

Visado pelo Censuro